
Editorial

A Psicopatologia Fundamental, termo empregado pela primeira vez pelo Professor Doutor Pierre Fédida da Université Paris 7 – Denis Diderot, visando distinguir uma área de pesquisa sobre o sofrimento psíquico, da Psicopatologia Geral que é um campo da psiquiatria, encontra o devido reconhecimento no meio universitário brasileiro.

Sendo uma disciplina que não dispensa contribuições da psicanálise, da psiquiatria, da biologia, da filosofia, da sociologia, da história, a Psicopatologia Fundamental, depois da criação do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em fevereiro de 1995, está também sendo desenvolvida, a partir do início de 1996, no Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, criado e dirigido pelo Professor Doutor Mario Eduardo Costa Pereira.

Durante o II Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, ocorrido em São Paulo, em abril de 1997, foi criada a Rede Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental que reúne, atualmente, 25 pesquisadores de 18 Universidades brasileiras, 1 pesquisador da Argentina, 1 pesquisadora do Uruguay e 2 pesquisadores de duas Universidades francesas. Esses pesquisadores, praticamente todos doutores ou prestes a obterem o título de doutor, possuem projetos de pesquisa em Psicopatologia Fundamental que vêm sendo apresentados e discutidos em reuniões periódicas.

Em 1998, dois novos grupos de pesquisa foram criados: o Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise da Universidade Católica de Pernambuco, sob a direção da Professora Edilene Freire de Queiroz, doutoranda na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o Laboratório de Psicopatologia Fundamental da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em Assis, sob a direção da Professora Doutora Mériti de Souza.

Ainda em 1998, estes grupos permanentes de pesquisa, que mantêm um intercâmbio científico sistemático, resolveram publicar a *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* que reúne trabalhos escritos pelos pesquisadores destes grupos e por outros pesquisadores, que não sendo membros dos grupos, ainda assim têm contribuição a dar sobre o assunto. A *Revista*, neste quarto número, reúne um conjunto de trabalhos da melhor qualidade científica, de autoria de pesquisadores do Japão, do Paraná, de Campinas, de São Paulo, do Rio de Janeiro e do México. Além disso, publica o texto clássico de Jules Cotard, resenhas de livros e resenhas de artigos.

Ademais, trabalhos de pesquisadores desses grupos vêm sendo publicados em *Pulsional Revista de Psicanálise* e, sob a forma de livros, na Biblioteca de Psicopatologia Fundamental, editada pela Editora Escuta.

Finalmente, nos últimos três anos, foram realizados Congressos Brasileiros de Psicopatologia Fundamental, onde trabalhos de pesquisa foram apresentados e discutidos. O IV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, que ocorrerá de 23 a 25 de abril de 1999, reunirá também um conjunto de pesquisadores que trabalham na área de saúde mental que apresentarão e discutirão pesquisas em andamento.

O termo psicopatologia, como tem sido observado em diversos trabalhos, deriva-se de três palavras gregas: *psiquê* que produziu psique, psiquismo; *pathos* que resultou em paixão, sofrimento, excesso, e *logos* que resultou em lógica, discurso, narrativa. A psicopatologia seria, então, um discurso sobre a paixão que se manifesta no psiquismo, um discurso sobre o sofrimento psíquico.

No início do século XX, Karl Jaspers publicou *Psicopatologia Geral* visando descrever, de forma sistemática, as doenças mentais. Esse importante trabalho inaugurou uma rica tradição médica que se manifesta,

até hoje, em *Tratados de Psiquiatria ou Tratados de Psicopatologia Médica*. Essa tradição, que muito contribui para a Psicopatologia Fundamental, está, entretanto, interessada na descrição a mais cuidadosa possível e na classificação das doenças mentais.

A Psicopatologia Fundamental, não dispensando os saberes adquiridos pela Psicopatologia Geral, não está tão interessada na descrição e classificação da doença mental como no que é expressado pelo doente, pois baseia-se no pressuposto de que o *pathos*, a paixão, o sofrimento expressa uma subjetividade que é capaz, através da narrativa, do relato, do discurso, da expressão, transformar a paixão numa experiência que serve para a existência do próprio sujeito e, quem sabe, à medida que for compartilhada, para outros sujeitos.

Levando-se em conta este pressuposto, as pesquisas que são realizadas no âmbito da Psicopatologia Fundamental visam encontrar palavras que expressem, de forma a mais precisa e compreensiva possível, o *pathos* que se manifesta na clínica psicoterapêutica. Neste sentido, a clínica psicoterapêutica não segue o procedimento médico que visa suprimir o sintoma com o remédio e considerar, com isso, que se produziu uma cura. Podendo se utilizar do remédio como um elemento do tratamento, elemento que deixa de ser um mero objeto final no tratamento para ser algo que possui um caráter enigmático e obscuro nesse mesmo tratamento, a clínica psicoterapêutica, na ótica da Psicopatologia Fundamental, deve estar sempre orientada no sentido de encontrar as condições metodológicas que permitam, tanto ao paciente como ao psicoterapeuta, encontrar palavras que tenham a mais específica correspondência com o *pathos* que é tratado nesta clínica, pois o que se experimenta, nesta mesma clínica, é que o relato o mais preciso possível sobre o *pathos* produz uma transformação que faz desaparecer o sintoma e que altera a estrutura mesma do psiquismo e até mesmo do cérebro daqueles que estão envolvidos nessa prática.

A pesquisa em Psicopatologia Fundamental é, então, um trabalho que visa tanto a aquisição de uma experiência que é inerente ao *pathos*, à paixão, ao sofrimento, como produz um efeito terapêutico qualitativo que modifica a posição do sujeito em relação ao seu próprio psiquismo e, conseqüentemente, modifica a posição do sujeito no mundo. Para a Psicopatologia Fundamental, não interessam as ortodoxias discursivas da psicanálise ou da medicina, já que nesta clínica psicoterapêutica o *pathos* possui um caráter obscuro e enigmático que resiste ao já sabido, ao constituído em discursos que são repetidos automaticamente. Assim, a busca da palavra que tenha, ao mesmo tempo, estatuto de experiência e de terapia, não deve se restringir aos discursos constituídos e estabelecidos, mas deve lançar mão do que surpreendentemente encontra-se à disposição tanto do paciente como do terapeuta, na cultura, na civilização e que represente o *pathos*. A pesquisa em Psicopatologia Fundamental possui, portanto,

o caráter de uma construção discursiva mitopoiética epopeica que atende essas exigências: a de se constituir numa experiência que seja terapêutica para o sujeito.

A nossa esperança é que os trabalhos aqui publicados contribuam para essa tarefa relevante para a existência humana, num mundo adverso.